

FUNDAMENTOS DO PSICODRAMA

Jacob Levy Moreno
Zerka Toeman Moreno



Do original em língua inglesa
PSYCHODRAMA, SECOND VOLUME, FOUNDATIONS OF PSYCHOTHERAPY

Copyright © 1959, 1975, 1983, 2014

Direitos desta tradução adquiridos por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Salete Del Guerra**

Tradução: **Moysés Aguiar**

Revisão técnica: **Mariana Kawazoe**

Capa: **Buono Disegno**

Diagramação: **Triall Composição Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

NOTA DOS EDITORES

A parceria entre as editoras Daimon e Ágora reedita mais uma obra de J. L. Moreno: *Fundamentos do psicodrama*. Em 2012, publicamos outro livro seminal do autor – *O teatro da espontaneidade* –, e ainda este ano relançaremos sua *Autobiografia*. Antes, a Daimon Editora já publicara *Quem sobreviverá? Edição do estudante* (2008) e *Psicodrama – Terapia de ação e princípios da prática* (2006). Republicar os livros do criador do psicodrama, que havia anos estavam esgotados, constitui um esforço conjunto das duas editoras no sentido de não deixar que a chama do psicodrama se apague entre nós.

A tradução é de Moysés Aguiar e a revisão técnica de Mariana Kawazoe, ambos psicodramatistas. O Grupo de Estudos de Moreno (GEM) – Daimon leu, discutiu e sugeriu notas e esclarecimentos.

O original (*Psychodrama – Second Volume – Foundations of psychotherapy*) foi publicado em 1959. O livro é composto de seis conferências comentadas por profissionais e acadêmicos de diferentes origens: psicanalistas, psicoterapeutas de várias orientações e cientistas sociais. O diálogo estabelecido entre Moreno e seus convidados torna a leitura agradável e instigante.

Missão cumprida: os editores sentem-se felizes em recolocar mais um livro de Moreno na estante do psicodramatista de língua portuguesa.

SUMÁRIO

Introdução 11

***Dramatis personae* 13**

PRIMEIRA CONFERÊNCIA

Transferência, contratransferência e tele: suas relações com a pesquisa de grupo e a psicoterapia de grupo 14

Discussões da primeira conferência 30

Réplicas 60

SEGUNDA CONFERÊNCIA

Terapia interpessoal, psicoterapia de grupo e a função do inconsciente 70

Discussões da segunda conferência 88

Réplicas 121

TERCEIRA CONFERÊNCIA

O significado do formato terapêutico e o lugar da atuação na psicoterapia 130

Discussão 148

Réplicas 178

QUARTA CONFERÊNCIA

A descoberta do homem espontâneo, com ênfase especial na técnica de inversão de papéis 186

Réplicas 251

QUINTA CONFERÊNCIA

O psicodrama de Adolf Hitler 254

Discussão e réplicas 267

SEXTA CONFERÊNCIA

Existencialismo, *Daseinsanalyse* e psicodrama com especial ênfase na “validação existencial” 272

Discussão 286

Réplicas 294

Psicodrama e psicanálise 302

Referências comuns a todos os métodos de psicoterapia 306

Publicações correlatas na época 310

INTRODUÇÃO

PLANO DO LIVRO

Este é o segundo volume de *Psicodrama*. É uma sequência do primeiro, que foi publicado em 1946.

O primeiro volume foi uma visão geral do campo do psicodrama: a) sua história e os princípios da criatividade e da espontaneidade; b) teorias e técnicas do psicodrama; c) teoria de papéis, jogo de papéis, terapia do papel; d) terapia de grupo e psicoterapia de grupo; e) sociodrama e etnodrama; f) psicomúsica, filmes de cinema terapêuticos e terapia por meio da televisão. Cada uma dessas seções abre um novo campo de pesquisas.

O segundo volume focaliza os *problemas básicos da psicoterapia e da psicoterapia de grupo* – criatividade e espontaneidade, o ser e a existência, as origens e a função do inconsciente, ação e atuação; relações interpessoais e intergrupais. Diversos movimentos contemporâneos de pensamento aparecem em confronto, entre eles o existencialismo, a psicanálise, a psicoterapia de grupo, o comunismo e a automação.

O método de apresentação utilizado é o socrático, ou melhor, uma versão moderna dele. Os participantes do diálogo não estão “fisicamente” presentes, é uma comunicação “a distância”, uma tentativa de promover uma discussão entre vários indivíduos, na qual o autor atua como catalisador e esclarecedor. O autor apresenta uma série de seis conferências, passo a passo. Cada conferência é enviada aos participantes, para que a comentem. Os comentários são revisados e o autor opina sobre eles. Cada conferência funciona como um

aquecimento na terapia de grupo, abrindo a discussão, dando porém oportunidade de réplica a cada pessoa que participa do debate. Pode acontecer, entretanto, que os pontos mais importantes e os destaques nessas comunicações não tenham sido levados em conta. O objetivo desse diálogo com 17 psiquiatras, dez psicólogos, seis sociólogos e dois teólogos é compreender melhor os vários pontos de vista.

Essas ponderações iniciais apenas remotamente sugerem a profunda gratidão do autor deste volume aos participantes do diálogo, por seus brilhantes comentários, publicados inicialmente em *Group Psychotherapy*, v.VII, 1954, v.VIII, 1955, e em *The International Journal of Sociometry*, v. I, 1956-57, que são aqui republicados.

O livro está dividido em seis capítulos, cada um dos quais subdividido em três etapas: a) conferência, como ponto de partida para a discussão; b) comentários; c) réplica. Ao final do livro, o autor apresenta suas conclusões.

DRAMATIS PERSONAE

- Cornelius Beukenkamp – Hospital Hillside, Glen Oaks, Nova York
Earl A. Loomis – Seminário da União Teológica, Nova York
Franz Alexander – Universidade da Califórnia
Frieda Fromm-Reichmann – Chestnut Lodge, Rockville, Maryland
Frisso Potts – Havana, Cuba
Gordon W. Allport – Universidade Harvard
Heinz L. Ansbacher – Universidade de Vermont
Isidor Ziferstein – Los Angeles, Califórnia
J. B. Wheelwright – São Francisco, Califórnia
J. L. Moreno – Universidade de Nova York
Jiri Kolaja – Faculdade Talladega
Jiri Nehnevajsa – Universidade de Columbia
John M. Butler – Universidade de Chicago
John W. Turner – Greensboro, Carolina do Norte
Jonathan D. Moreno – Instituto Moreno
Jules H. Masserman – Northwestern University
Louis S. Cholden – Instituto Nacional de Saúde Mental, Bethesda,
Maryland
Martin Grotjahn – Instituto de Medicina Psicanalítica de Los Angeles
Mary L. Northway – Universidade de Toronto
Medard Boss – Universidade de Zurique, Suíça
Nathan W. Ackerman – Universidade de Columbia
Paul Johnson – Universidade de Boston
Pierre Renouvier – Manilha, Filipinas
Pitirim A. Sorokin – Universidade Harvard

Raymond J. Corsini – Universidade de Chicago

Read Bain – Universidade de Miami

Robert James – Hospital State, Jamestown, Dakota do Norte

Robert Katz – Faculdade da União Hebraica, Cincinnati

Robert R. Blake – Universidade do Texas

Rudolf Dreikurs – Escola Médica de Chicago

Serge Lebovici – Hospital de Paris, França

Stanley W. Standal – Universidade de Chicago

W. Lynn Smith – Clínica de Saúde Mental, Decatur, Illinois

Walter Bromberg – Sacramento, Califórnia

Wellman J. Warner – Universidade de Nova York

Wladimir Eliasberg – Nova York

Zerka T. Moreno – Instituto Moreno

Primeira conferência

TRANSFERÊNCIA, CONTRATRANSFERÊNCIA E TELE: SUAS RELAÇÕES COM A PESQUISA DE GRUPO E A PSICOTERAPIA DE GRUPO ¹

INTRODUÇÃO

Está na hora de avaliar os avanços feitos pela psicoterapia e identificar, se possível, os denominadores comuns de todas as suas formas. A maioria dos principais protagonistas do período clássico dos métodos individuais de psicoterapia já se foi tanto do cenário americano quanto do europeu: Freud, Janet, Adler, Ferenczi, Rank, Meyer, Brill, Jelliffe, para mencionar apenas alguns. Restou apenas o *glamour* de seus sepulcros, *sic transit gloria mundi*. A maioria dos protagonistas dos métodos de grupo e de ação está se tornando velha e respeitável, mas o problema continua: *como podem os vários métodos entrar em acordo, num sistema único e compreensível?* No decorrer destas conferências, vou assinalar os *denominadores comuns* mais do que as diferenças. Tentarei amarrar todas as variedades da psicoterapia moderna. Se o encontro terapêutico for conduzido no divã, numa poltrona, em torno de uma mesa ou em cima de um palco, a principal hipótese em todos os casos é que a interação produz resultados terapêuticos. É preciso ter uma mentalidade aberta e flexível; há casos em que se recomenda o uso de um método autoritário, outras vezes, democrático, às vezes é necessário

1. Texto extraído de uma série de palestras ministradas pelo autor durante sua viagem pela Europa (maio-jun. 1954)

ser mais diretivo ou mais passivo, mas a pessoa precisa querer se mover gradativamente de um extremo a outro, se a situação assim o exigir. Assim como há uma escolha de terapeuta, deve haver uma escolha de veículo – divã, cadeira ou palco – e do sistema de termos e interpretações de que o paciente necessita até que se consiga formular um sistema consensual.

I

Mesmer dizia que as curas hipnóticas se devem ao magnetismo animal. Liebeault e Bernheim demonstraram que não é o magnetismo animal que produz a cura, mas a sugestionabilidade do sujeito. Freud descartou a terapia hipnótica e defendeu a ideia de que a essência da sugestionabilidade é a transferência. Podemos ir um passo além e afirmar que também a psicanálise, como método terapêutico, não preencheu muito das esperanças que suscitou. Qualquer que seja o material inconsciente que surja no divã, o potencial de mobilização dos métodos grupais e de ação é maior e, além disso, permite o surgimento de conteúdos que o veículo divã impede que venham à tona.

Ao contrário do que se pensa, a psicoterapia de grupo não tem, dentro da medicina científica, nenhum antecedente a ser incrementado ou rejeitado. Trata-se de um procedimento novo que, para se desenvolver como método terapêutico, precisa de um estudo preliminar de grupos concretos e de suas respectivas dinâmicas, uma incursão na “pesquisa de grupos”. Mas nenhuma pesquisa de grupo, no sentido estrito da palavra, foi feita antes de 1923, ano em que foi inaugurado o laboratório vienense de espontaneidade. O trabalho e o estudo de grupos “reais”, por meio da observação direta e da experimentação calculada, são quaisquer que sejam seus méritos e deméritos, uma conquista de nossa geração. Nem as formulações teóricas nem as estimulantes descobertas de LeBon e Freud, nem as técnicas de palestras